

Foice e Martelo completa um ano na luta pelo socialismo



No dia 1º de Maio de 2013 nasceu o boletim Foice e Martelo e vinha a público o seu número 1. Hoje, no 1º de Maio de 2014, lançamos a edição número 42.

O primeiro F & M trazia em seu editorial a seguinte mensagem:

“Um novo boletim para uma nova situação política, onde a crise mundial do capitalismo se aprofunda e chega ao Brasil.

1º de Maio! Dia Internacional de Luta dos Trabalhadores. A Esquerda Marxista lança o número 1 do Boletim Foice & Martelo. Fazemos isso nesta data não só para prestar uma homenagem aos operários assassinados em 1886 em Chicago, mas fundamentalmente para propiciar aos trabalhadores e jovens um instrumento de apoio à construção da organização revolucionária marxista.

Em todo o mundo a crise mundial do capitalismo avança. Os capitalistas, para salvar seus lucros e negócios atacam mais e mais as conquistas dos trabalhadores, e por meio dos governos criminalizam os dirigentes e seus sindicatos.

(...)

Em São Paulo o tema do 1º de Maio da CUT é Desenvolvimento Econômico e Sustentabilidade,

ou seja, defesa de um capitalismo mais humano, como se fosse possível existir exploração mais humana da classe trabalhadora, quando na verdade a essência do sistema capitalista, desde sua origem, sempre foi a mais brutal exploração para obter o máximo lucro.

A CUT levanta reivindicações importantes, dentre elas a redução da jornada de trabalho para 40 horas, o fim do fator previdenciário e a reforma agrária. Se estas lutas fossem levadas a sério pela direção, teriam de nossa parte todo apoio. Mas até agora só falatório.

Dilma, que foi eleita com apoio dos trabalhadores, desde sua posse lhes virou as costas. Passados mais de 2 anos de enrolação, Vagner, o presidente da CUT, agora ameaça em aumentar o ‘tom de enfrentamento’ com o governo. Como? Com a defesa da sustentabilidade do capitalismo e da aliança do governo com a burguesia? Com passeios ciclistas? Qualquer trabalhador sabe que não existe negociação sem mobilizações e greves. Se de fato a direção da CUT mobilizar as bases pelas reivindicações e parar de adular o governo, ela terá certamente o apoio de todos os trabalhadores.

Agora, exatamente um ano depois, o que mudou? Dizíamos que a crise chegava e uma nova situação se abriria. Em junho, as massas irromperam a cena política e milhões saíram às ruas exigindo seus direitos.

Os governadores do Rio de Janeiro e de São Paulo, o novo prefeito de São Paulo, o Ministro da Justiça, a burguesia, foram pegos

de surpresa e, após intensa repressão inicial, que levaram ainda mais à radicalização das manifestações, foram obrigados e recuar e atender a reivindicação não aumentando os preços das passagens de metrô e dos ônibus. Mas aumentaram e aperfeiçoaram as formas e meios de repressão. Centenas foram presos, muitos processados e criminalizados.

A CUT se recusou a se colocar à frente do movimento, o PT via nele apenas ações antigovernistas e de direita. Incapazes de compreender o que se passava, pois atados à linha de colaboração de classes, enveredaram para o terreno de defesa e de reforma das instituições e agora se aferram na enganosa questão da reforma das comunicações que não mexe em nada na propriedade dos grandes meios de comunicações.

Os marxistas seguem firmes na batalha contra a criminalização e na defesa da educação, saúde e transporte, públicos, gratuitos e para todos, explicando que não haverá saída para tudo isso, enquanto o PT e a CUT não romperem com a política de colaboração de classes e abrirem a via ao socialismo.



Quem somos

A Esquerda Marxista (EM) é uma organização de luta pelo socialismo. Como seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (CMI), lutamos em todo o mundo para ajudar os trabalhadores e jovens a se organizarem na luta por sua emancipação.

Lutamos contra a colaboração de classes e contra a defesa do capitalismo e sua maquiagem feita pelos reformistas. Nada temos a ver com

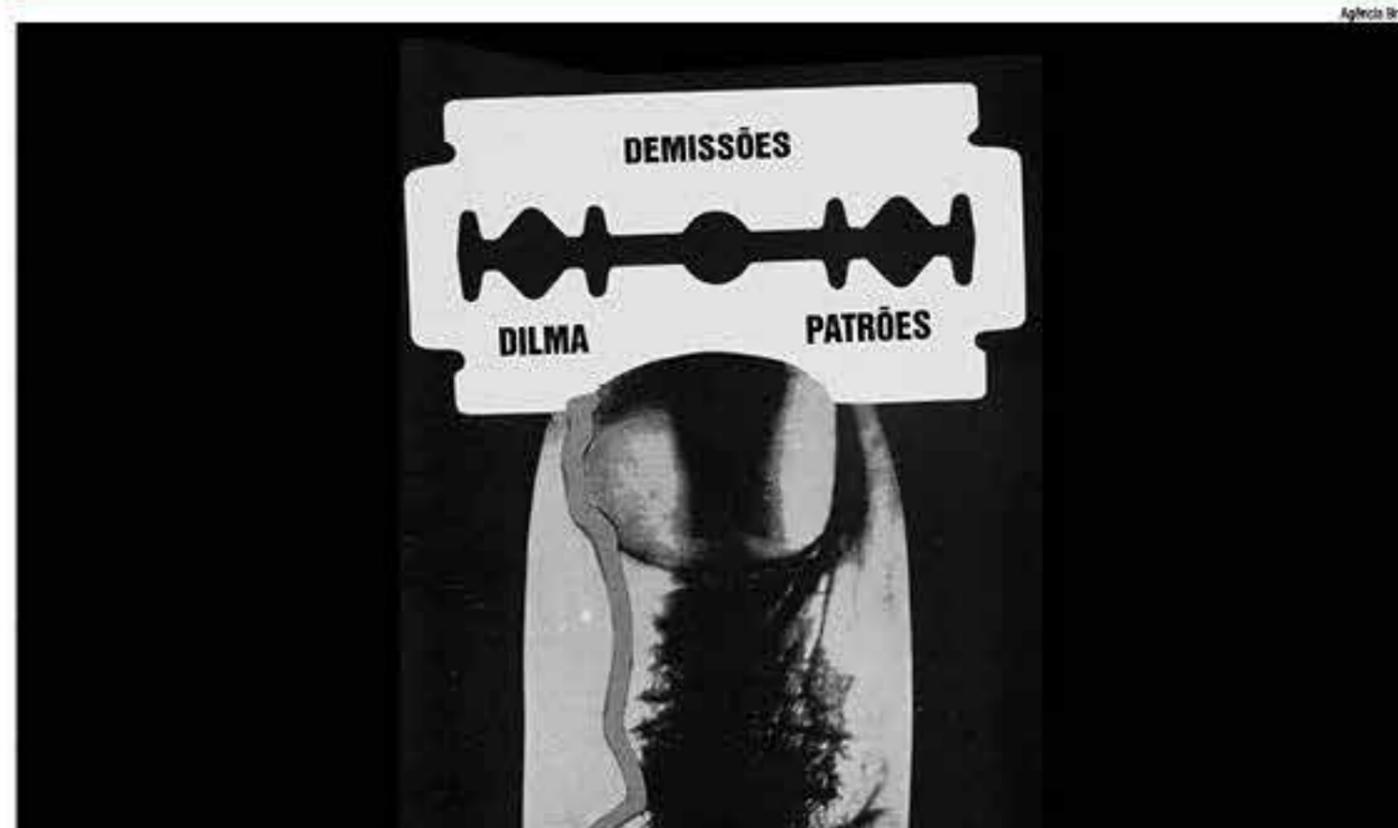
as organizações e agrupamentos ultraesquerdistas que, incapazes de se relacionarem com a classe trabalhadora, dedicam-se ao divisionismo e ao denunciamento inócuo e impotente. Nós lutamos nas organizações de massa para construir uma corrente revolucionária de massas. Nesse sentido atuamos na luta de classes e nas entidades historicamente construídas pelos trabalhadores e pela juventude.

A EM dirigiu as ocupações de fábricas lutando por sua estatização sob controle dos trabalhadores, luta por educação pública e gratuita para todos, pela reestatização de tudo o que foi privatizado, contra a criminalização dos movimentos e organizações dos trabalhadores, em defesa das conquistas e reivindicações da classe trabalhadora e da juventude, contra o capitalismo.

Foice & Martelo



Boletim semanal da Esquerda Marxista - seção brasileira da Corrente Marxista Internacional, Número 42 - 1º de Maio de 2014 - Preço R\$ 1,00



É hora de resistir e lutar 1º de Maio: os patrões prometem demissões

Enquanto os patrões seguem sua sanha de jogar o peso da crise nas costas dos trabalhadores e anunciam demissões, a direção da CUT promete, neste 1º de maio, um ato unificado para discutir o marco regulatório da internet com o tema “Comunicação: o desafio do século”. A central deixou de lado, mais uma vez, até mesmo a pauta rebaixada que foi lançada na CONCLAT do Pacaembu e, sem pudor algum, silencia-se diante das demissões que começam a ocorrer.

Três mil operários. É o número que a imprensa divulga de

funcionários colocados na marca do pênalti pelas montadoras de automóveis. Algumas, como a Mercedes, já são mais diretas: abriram um programa de demissão voluntária (PDV). Outros, como a Volks, abrem um lay-off, um programa em que os funcionários ficam em licença por seis meses, “fazendo cursos” e tendo seus salários pagos parcialmente pela empresa, parcialmente pelos recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), gestor do salário de desemprego.

Diante deste quadro, citamos abaixo o papel absurdo que

cumpram a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC:

O acordo de 2012 garantiu que uma nova plataforma mundial seja produzida na planta da Anchieta, o que possibilitará a fabricação de carros em padrões e conceitos mundiais. “A direção mundial da Volks ainda decidirá sobre os lançamentos que serão feitos, não só no Brasil, mas em todo o mundo”, contou Wagnão.

Porém, em sua opinião, o lay-off por si só não resolve o problema. “É uma proposta intermediária. É necessária uma política que dê condições para

que o setor automotivo, extremamente importante para a economia nacional e principalmente regional, possa reagir e voltar aos patamares de 2012. A solução está, e o Sindicato está buscando isso, em medidas governamentais que alavancuem a indústria automotiva no Brasil", concluiu. (<http://fem.org.br/noticia/abc-sindicato-e-volks-negociam-layoff>)

O governo, por sua vez, respondendo a uma proposta feita pelos patrões e pelo sindicato de "redução de horário de trabalho" (na qual o governo paga uma parte dos salários, a empresa outra e o "trabalhador também contribui" reduzindo o seu salário!) resolveu propor diminuir o valor da entrada para a compra de veículos e aumentar o número de prestações para incentivar o mercado. Mas, será que estas medidas podem resolver algo?

Aumenta a crise: os patrões e governo querem mais austeridade

Para lembrar, o problema central da crise atual é que existe um mercado que está saturado, aquilo que Marx e os economistas clássicos diziam que era uma crise de "superprodução". Assim, medidas como aumentar o crédito têm valor até determinado ponto. No momento atual, em que a maior queda das vendas ocorreu nas exportações, mais crédito interno vai resolver? Aliás, como o governo vai bancar algo se justamente as contas do governo começam a fazer água?

A verdade é que a situação econômica está piorando no mundo inteiro e tem um reflexo que chega ao Brasil. Ele não pode ser tratado como "marolinha". O fato de que a produção chinesa esteja crescendo menos do que os economistas consideram necessário, leva a esta situação. Por outro lado, as greves e manifestações na China levam várias empresas a começarem a modificar o seu local de produção, como está acontecendo com a Nike.

Então, como resolver tudo isso?

Enquanto os capitalistas tratam de mudar a produção de um local para outro para melhor explorar a mão de obra, enquanto eles destroem fábricas e setores econômicos inteiros, intensificam fusões e compram empresas, no mundo todo "o de baixo desce, o de cima sobe". A parcela da renda destinada aos trabalhadores cai no mundo inteiro e os lucros continuam subindo, o desemprego sobe. No Brasil, depois de muito tempo em que o crédito manteve o mercado aquecido e o emprego em alta, os primeiros sintomas da crise mundial começam a ser mostrados.

Porém, se esta não é uma solução, existirá alguma? Sim, mas isto exige um caminho de enfrentamento com a burguesia ao invés de pacto e conciliação. Em nível sindical, exigiria que os sindicatos exigissem o decreto de estabilidade no emprego e que as empresas, e não os trabalhadores, pagassem pela crise. De forma mais geral, exigiria que todos, sindicatos e o Partido dos Trabalhadores, enveredassem no caminho de busca do socialismo.

Só que ao invés desse caminho, de rompimento com a burguesia, de acabar com os incentivos e desonerações tributárias que favorecem as grandes empresas e fazem sofrer os trabalhadores, ao invés de trabalhar por saúde, educação e transporte público e gratuito, PT e sindicatos estão na linha dos acordos com a burguesia. Em tempo de vacas magras, "farinha pouca meu pirão primeiro", e a burguesia resolve atacar o PT.

O PT sangra! A CUT afaga

Sim, para fazer acordos com a burguesia é necessário um novo tipo de "militante", como André Vargas, que se relacione e faça juras de amor aos doleiros, principalmente, se houver muitos favores para ambas as partes. Em outras

palavras, pessoas que, ao invés de moverem-se pelo programa e na luta pelo socialismo, movem-se pelos ganhos pessoais, para resolverem suas vidas privadas. André Vargas pediu desfiliação, mas quantos petistas desse novo tipo existem ou foram seduzidos por esta "nova militância" e continuam nos postos de direção, nos cargos do governo federal, como deputados, senadores e vereadores? Muitos.

Enquanto a burguesia e sua imprensa tratam de desvendá-los e trazê-los à luz do dia, agradecendo assim os seus bons serviços prestados, Dilma cai nas pesquisas e se contradiz querendo explicar o que não pode ser explicado. Sejam os francos, o problema da Petrobras é que ela deixou de ser uma empresa que busca o melhor para o desenvolvimento nacional e passou a ser uma empresa busca lucros. Nesta busca, bons e maus negócios serão feitos, propinas serão pagas, como toda grande empresa o faz até ser descoberta e jurar que aquela foi a última vez etc.

O PT sangra. Dilma sangra. A CUT afaga e sopra. E quem sobe nas "pesquisas"? Somente a quantidade daqueles que se sentem enojados com a política e com os políticos. Afinal, a maioria dos trabalhadores conscientes sabe que quase nada mudará nestas eleições. Se Dilma for reeleita, continuará sua política de ceder tudo que a burguesia quer. Se vier Aécio ou Campos, é a burguesia que volta, diretamente no governo, com todas as suas mazelas. "Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega." Sim, o único caminho possível é a união de todos os trabalhadores, de suas organizações, rompendo com a burguesia e dando passos decisivos no sentido de expropriar a burguesia e andar em direção ao socialismo. Um caminho difícil? Talvez, mas muito mais agradável que sofrer e morrer sob o tacão de ferro do lucro burguês.

Assassinatos e repressão: a cara da burguesia

O caso Amarildo, até o momento sem solução, os acorrentamentos e surras em jovens suspeitos de furtos, o assassinato e arrastamento por 350 metros da auxiliar de serviços gerais Cláudia Silva Ferreira e agora o assassinato de DG.

O que tinham em comum esses casos? Todos eram trabalhadores, moradores de comunidades pobres e tinham a pele escura. Coincidência? Claro que não.

O racismo, ideologia nascida junto com o capitalismo para dividir o povo oprimido e justificar uma exploração e opressão injustificada está muito mais enraizado nos órgãos de repressão e na burocracia estatal e privada e se multiplica por mil nas situações de crise social e econômica.

A PM e seus soldados são treinados como se estivessem em uma guerra. Para ela, os inimigos são aqueles que se parecem com os bandidos, com os malvados, com os malfeitores, em geral trabalhadores. E como no senso



comum social se descreveria esse sujeito social? O preto e pobre para começar e depois vem o resto. Os "mal vestidos", os de boné na cabeça, os jovens. Essas são as principais vítimas. Trabalhador, suspeito e negro, deve morrer, essa é a regra para as PMs.

O Rio de Janeiro foi o primeiro estado a implementar as cotas raciais para as universidades e nos serviços públicos e como podemos comprovar, a violência contra a juventude negra conti-

nua a mesma, as desigualdades sociais continuam as mesmas, ou até pioraram. Está claro: não se combate o racismo com cotas raciais, essa é uma conclusão óbvia.

O combate ao racismo só pode ser eficaz a partir da igualdade de direitos de fato, para todos. Além disso, com punição rigorosa para os racistas, em especial nos órgãos públicos. Devemos lutar pela dissolução das PMs e todo o aparato repressivo.

O governa Dilma, frente ao aumento das mobilizações, apoiando-se nos governos estaduais, a cada dia aumenta a repressão. O que fazer? Os trabalhadores e a juventude devem se mobilizar, se organizar na luta pelas reivindicações para por fim à repressão e ao regime da propriedade privada dos grandes meios de produção. Aproxima-se o dia que os governantes e suas PMs cheios de sangue da juventude e da classe trabalhadora em suas mãos pagarão por seus crimes.

O dilema da greve dos professores da cidade de São Paulo

Mais uma vez os professores municipais da cidade de São Paulo estão em greve.

A cada ano as perdas salariais vão aumentando e os sucessivos prefeitos, junto com a direção do sindicato, vão enrolando a categoria com abonos que depois são incorporados nos salários sem recompor o poder aquisitivo.

Assembleias esvaziadas, manipuladas pela direção, falta de democracia, ausência de comandos de greves eleitos e com mandatos revogáveis, truculência nas assembleias. Estas são as marcas da direção do sindicato (Sinpeem).

Agora, a direção sindical chamou uma greve sem organização alguma na base. Mesmo após sucessivas derrotas e cansaço diante de tantas manipulações, parte da categoria aderiu ao chamado

de greve. Mas há um desconforto geral, o prefeito Haddad não quer dar aumento nenhum, a direção do sindicato diante do primeiro anúncio do prefeito de que não descontinuará os dias parados, certamente sairá aos brados, anunciando o fim da greve. Com isso, vai permanentemente desgastando a categoria e queimando essa importante forma de luta que é a greve.

A Esquerda Marxista tem explicado que sem uma forte organização desde a base, sem comandos de greves por escolas e por região, sem remover o entrave que é a direção do sindicato, pouco se poderá avançar. Como sempre a pauta de reivindicações é muito rebaixada e isso desestimula os trabalhadores a irem à luta.

A greve, iniciada no dia 23,

para ser fortalecida, tem que exigir aumento real dos salários, reposição das perdas acumuladas ao longo dos anos e organizar pela base. Se a oposição tomar essas bandeiras em suas mãos, a greve poderá se fortalecer. Do contrário, certamente a direção do sindicato, juntamente com Haddad, imporão mais uma derrota.



Expediente: Boletim Foice & Martelo - Órgão da Esquerda Marxista, seção brasileira da Corrente Marxista Internacional (www.marxist.com).
 Diretor responsável: Serge Goulart. Editor responsável: Wanderci Bueno. Jornalista responsável: Rafael Prata: MTB nº 40040/SP.
 Sede Nacional: Rua Tabatinguera, 318 - Sé - Centro - São Paulo - SP - CEP: 01020-000
 e-mail: contato@marxismo.org.br - Telefone: (11) 3101 8810.